

GUINÉ-BISSAU: CRIÓULO, PORTUGUÊS OU FRANCÊS?

Carlos Lopes
 Instituto Nacional de
 Estudos e Pesquisa
 Guiné-Bissau

Na Guiné-Bissau: Crioulo, Português ou Francês?

É interessante constatar a actualidade da problemática linguística em Portugal e o seu vínculo cada vez maior com o que se passa nas antigas colónias africanas ou no Brasil. "Acudam ao português", intitula um jornal enquanto outro fala de "Agonia e esplendor nos trópicos".

Este debate parece ter sido impulsionado pelas investidas brasileiras neste domínio e pelo recente encontro sobre a unificação ortográfica do português que teve lugar no Rio de Janeiro. É notório constatar que a Guiné-Bissau é sempre referida aqui e ali como o exemplo acabado do declínio do português, da má política do governo português, da ameaça portuguesa, etc. Muitas destas referências, e de algum tempo a esta parte, não provêm, infelizmente, de uma análise isenta de interesses políticos e culturais que para os guineenses não tem qualquer sentido. Impõe-se assim uma breve descrição da situação linguística da Guiné-Bissau.

Estatísticas

No recenseamento geral da população efectuado em 1979 foram registados apenas 215 locutores monolíngues de português. Enquanto 17.587 eram bilíngues português-crioulo e 33.622 monolíngues de crioulo. Com estes dados pode-

mos imaginar o peso relativo destas duas línguas no uso corrente. O mesmo levantamento faz-nos saber que existem 466 locutores monolíngues de outras línguas estrangeiras. Supondo que a maior parte destes últimos falam francês podemos considerar que na situação de língua materna existirão quase tantos locutores de francês como de português.

No entanto, 44,3% dos guineenses fala o crioulo e 11,1% declara falar o português (embora estes números estejam sobrevalorizados, porque socialmente declarar-se falante de português significa posicionar-se com um maior índice de escolarização).

Estes indicadores permitem-nos desde já saber que o futuro linguístico da Guiné-Bissau depende da dinâmica que o crioulo vem assumindo como língua veicular preferencial. Embora hajam outras línguas nacionais - por exemplo o mandinga ou o fula - que são igualmente veiculares ao nível da sub-região africana, na qual a Guiné-Bissau está inserida.

Português ou Crioulo?

O crioulo da Guiné-Bissau tem uma estruturação gramatical próxima das línguas africanas e numerosos estudos vem provando a sua especificidade sintáctica e fonética. No entanto, o seu desenvolvimento escrito tem estado muito condicionado a uma determinação política - sem equívocos - de opção pela sua introdução como língua de ensino. Este facto deve-se ao estreito relacionamento sociológico que as camadas no poder tem com o português que, se não é falado por todos, é admirado como língua de referência da cultura da referência, que para a encorajadora maioria da pequena burguesia guineense é a portuguesa. Lisboa ainda é a "Metropole", onde jogam os clubes de que se gosta, as modas que se seguem ou os filmes que se quer ver.

O crioulo, embora utilizado pela grande maioria dos funcionários públicos, que se expressam num muito mau português, continua a ser protelado pelos próprios guineenses de Bissau para segundo plano, desde que se fala de escolhas linguísticas para o ensino.

Esta atitude deve-se aquilo que os linguistas chamam a linguística espontânea, aquela em que qualquer cidadão se sente autorizado a emitir opiniões, mesmo que elas sejam absurdas, como dizer por exemplo que "o crioulo é o portu-

guês mal falado". Mas há algo de verdade nesta afirmação, se ela for invertida: o português (da Guiné-Bissau) e o crioulo mal falado. Parece incrível mas não o é assim tanto.

Na realidade os espaços linguísticos próprios que tinham o português e o crioulo até à independência, fruto de uma determinada estratificação social e conceituação ou hierarquização de culturas, diluíram-se depois da grande alvo rada. A explosão escolar fez o resto.

Num país com um índice de escolarização a rondar os 50 por cento e com cerca de 100 mil alunos, está implantado um sistema de ensino (ligeiramente modificado a partir do anterior) que permite que em cada mil alunos que iniciam a primeira classe apenas um termine o liceu. E com nível? Em matéria de português nulo, porque incapaz de redigir duas páginas expressando claramente as suas ideias sobre um sujeito tão simples como a tradicional redacção sobre "as férias da Páscoa". É que os professores não sabem a língua de Camões para fazerem o mesmo, e portanto apenas tentam adaptar Gil Vicente ao que usam e conhecem no dia a dia: o crioulo.

O desaparecimento das esferas linguísticas de locutores preferencial de uma e outra língua, o efeito, nocivo da linguagem radiofónica em crioulo, transformou o crioulo de Bissau numa amalgama de língua veicular rural com vocabulário português contemporâneo. Esta dinâmica espectacular faz perder cada dia o terreno aos monolíngues de português ou aqueles que são capazes de escapar as interjeições de toda ordem ou as diatribes fonéticas.

Português ou Francês?

É neste contexto difícil que vem assentar o debate sobre o pretensio braço de ferro português/francês na Guiné-Bissau.

A tão propagada ofensiva franófona na Guiné-Bissau resume-se afinal a algumas dezenas de bons locutores de francês em postos de responsabilidade, na venda de algumas dezenas de exemplares de revistas francesas em Bissau e no funcionamento activo de um centro cultural francês na capital guineense. Não será ridículo este debate?

Os guineenses precisam do francês: são membros de uma quantidade de organismos internacionais e regionais onde utilizam a língua francesa; são membros de organizações francófonas que partilham preocupações comuns a outros paí-

res africanos, têm vizinhos de língua oficial francesa. Só o francês permite aos intelectuais guineenses o acesso e o contacto com os seus colegas africanos. Só em francês poderão intercambiar experiências com os países da região.

Quanto ao português é lamentável que não se vendam jornais portugueses, apesar da insistência das autoridades locais. É lamentável que o centro cultural português não tenha o volume de actividades do seu congénere francês. Desde a independência não se deslocou a Guiné-Bissau um único, repetimos, um único artista português, enquanto que franceses desfilam todos os meses (circo, cantores, mágicos, semanas de filmes, conferencistas, etc.).

É lamentável que organismos como o ICALP ou o ILP não promovam a edição ou difusão de livros em português voltados para as realidades da Guiné-Bissau. Mas nem só disso depende o futuro do português.

Enquanto que os organismos francófonos se preocupam com o desenvolvimento das línguas nacionais dos países africanos, produzindo numerosa literatura e estudos sobre o assunto, no quadro de programas em que a Guiné-Bissau está inserida, parece haver por parte dos nossos amigos portugueses uma rejeição das nossas línguas, proteladas a categoria de "dialectos" de "tribos" "atrasadas". É este paternalismo muitas vezes encoberto que pode levar à divulgação com meios dispensáveis da "nova gramática do português contemporâneo" (dos professores Sintra e Cunha) nos países africanos de língua portuguesa, e não dar aos interlocutores os meios de apreciar essa obra de tão grande valor. Porque os guineenses não estão ainda na fase de poder julgar dos benefícios desse trabalho, mas às aranhas para conseguir livros para a terceira classe, ou formar professores que não falem assim tão mal o português.

Enquanto isso, em Bissau a escola portuguesa vai seguindo de crise em crise não podendo servir de exemplo para ninguém.

O Acordo Ortográfico.

Na mesma ordem de ideias que sentido pode ter para a Guiné-Bissau a reunião sobre o acordo ortográfico? Nós ainda não estamos na fase da fixação da escrita do "nosso" português. Estamos na fase da fixação de uma situação linguística que a médio prazo pode levar ao desaparecimento do português como língua oficial do país. Felizmente ou infelizmente não são os portugueses os verdadeiros

defensores do português na Guiné-Bissau, mas sim as autoridades do próprio país. Incansavelmente tem propagandeado a necessidade da sua defesa. Porque talvez, mais do que ninguém, estejam conscientes do estado de decadência avançada em que se encontra essa língua.

Se se vai escrever contacto ou contato isto ainda não é relevante.

Efectivamente a Guiné-Bissau não esteve presente na reunião do Rio, mas ninguém achou essa ausência assim tão importante e tal não impediu que adoptasse um projecto de unificação. Se a nossa presença foi assim tão dispensável não é certamente fruto do acaso. É aqui que o português agoniza.

Soluções Delicadas

Se é verdade que para os linguistas é absurdo questionar-se se tal idioma tem uma gramática ou não, para o vulgar curioso esta pergunta pode parecer pertinente. É necessário então explicitar que todo o idioma tem uma gramática, que esta sim pode ser mental ou escrita, ou seja, já explicitada por profissionais da linguagem. Se assim é o crioulo tem saída tanto mais que já existe uma fixação fone-grafema.

Outro equívoco a salientar, é a própria designação de crioulo-kiriol-kriol que não é muito feliz porque resulta da associação de qualquer processo de nascimento de uma língua que herda o vocabulário da língua exógena. Mas a sua afirmação é que conta e os linguistas são categóricos na importância e especificidade que atribuem ao crioulo do nosso país.

Este ponto da situação visa apenas colocar o crioulo no seu respectivo lugar que tem necessariamente de ser o de destaque, pois tarde ou cedo terá de ser a língua escrita principal de ensino - a exemplo do que já acontece em muitos países africanos com outras línguas nacionais - pois só com elas os guineenses poderão realmente aprender e expressar os seus sentimentos, vivências e comportamentos.

Quanto ao debate estéril sobre a oposição português/francês na Guiné-Bissau, o desfecho final é simples de antever: ganhará aquele que souber dar peso ao crioulo como língua primeira dos guineenses.